
MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcant. **A mulher em África**. Editora Colibri, Lisboa, 2007, 337 p.

De viva voz

António Loja Neves*

São vozes de mulher, essas “vozes de margem”. Ao da “metade do céu”, como se dizia, de forma politicamente enfática, pelos idos de 70. São 37 ensaios, os mais variados, opiniões, pesquisas e reflexões de quem respondeu ao convite da são-tomense Inocência Mata e da brasileira Laura Cavalcante Padilha, professoras universitárias e investigadoras. Em **A mulher em África**, o objetivo não foi, como é hábito em projetos desses, compilar textos editados ao longo dos tempos, mas solicitar novos contributos, maioritariamente inéditos ou que tivessem merecido pouco relevo, entre nós, quando dados à estampa.

Toda a referência à participação da mulher nas sociedades, ou à sua condição, tem a atualidade do que tem estado imergente, mas também a emergência do que tem séculos de atraso. Aqui, ressalta desde logo que é quase inconcebível perceber, sem ter um choque, a posição da mulher em África, tal o desnivelamento da sua ação e responsabilidades nas esferas pública e privada. Numa excelente explicação com que me deparei neste livro, realça-se que há *lieux de memoire* – livros, museus, bibliotecas – e *milieux de memoire*, os ambientes de memória. Ora, nem todas as sociedades confinam os seus saberes em locais de memória, há-as que, como analisa Leda Martins, “resguardam, nutrem e veiculam seus propósitos em outros tais meios de memória, as suas práticas performáticas. Às mulheres africanas – apesar do papel histórico dos *griots* – estão mormente reservados esses ambientes de memória, mais do que as novas ferramentas.

No contributo de John Rex assume-se a existência da “oralidade escrita” enquanto instrumento contemporâneo continuador do caminho luminoso de séculos de transmissão civilizacional, através da voz e do gesto, dando expressão à memória e aos costumes. Mas, qualquer que seja a base depositária do legado, no que respeita à mulher africana, como afirmou Lília Momplé, é necessário, em primeiro lugar, que a própria mulher desenvolva a sua auto-estima, e nesse aspecto a mulher escritora tem uma grande responsabilidade, porque a literatura é um meio privilegiado de fazer ouvir a voz de milhões de mulheres sem voz, de modo a ocuparem cada vez mais o seu espaço na sociedade.

* Poeta e jornalista português.

Há nessa obra grandes diálogos. Entre as duas margens do Atlântico, entre várias escolas e sensibilidades, entre preocupações diversas, entre diferentes comunidades pós-coloniais. E há querências expostas, e credos, e denúncias, e anúncios, e experiências trocadas, e desvelos de análises. Falando da pesquisa em escritas femininas, Laura Padilha diz que exercê-la “é buscar pactuar com vazios e silêncios. Rompê-los com empenho e vontade é fazer do silêncio uma forma de produção de sentidos, pois qualquer fala ganha corpo a partir do silêncio”. Foi o que ergueu este projeto, que pode definir-se como um “contraolhar”, na forma como aborda o tema, na maneira como reage perante a lei tradicional masculina, no modo como se impõe, contrariando o referente eurocêntrico.

Como afirma Olga Iglésias, o projeto “pretende demarcar-se de uma visão negativa e errada não só da história como também da realidade sociológica e cultural dos povos africanos”. E ela conclui com ainda mais convicção: “Gostaríamos de contribuir para uma História (...) no feminino, onde fosse possível compreender corretamente a situação da mulher”. Para que isso possa suceder, para que possa passar a ter realce o percurso feminista, é muito importante a “exigência da necessidade da presença física dos grupos excluídos nos locais de decisão, questionando os poderes atuais, que têm discurso laudatório fácil perante o esforço, a presença e as capacidades das mulheres, mas que freiam, sempre de supetão, qualquer iniciativa concreta para ultrapassar tão fortes graus de desigualdade, de discriminação e de segregação.

Tantas vezes acontece que as mulheres, afinal, se organizam, debatem a sua condição, vão à luta. Mas sob um silêncio obstinado de quem deveria focalizar tais acontecimentos. Como pude admirar-me tanto ao folhear, página após página, um livro saído há poucos anos no Brasil acerca das líderes de comunidades negras, mulheres lutadoras, organizadas, persistentes, esperanças e construtoras de associações fortes e reconhecidas, mas tão na sombra, tão rechaçadas dos enfoques quotidianos dos meios de informação, tão longe do reconhecimento e da dignificação públicos!

Conclui Inocência Mata, no estudo dado à estampa neste livro:

No topo da pirâmide dos condenados da Terra está a mulher africana! Por isso, vejo na escrita de autoria feminina, pelo menos dos cinco países de língua portuguesa, o mesmo sentido que a dos escritores africanos teve no tempo colonial. A resistência, cuja natureza e cujo destinatário já não são, porém, os mesmos.

Atenta à produção do pensamento acadêmico, e neste particular à reflexão sobre as sociedades africanas, as Edições Colibri programaram a coleção Tempos e espaços africanos, de que este é o nono título.